

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

Regina Silveira

Mil e um dias e outros enigmas

Regina Silveira (Porto Alegre, Brasil, 1939) é uma das artistas mais importantes da sua geração na América Latina. Silveira deixa sua cidade natal em 1967 para empreender uma longa viagem formativa e profissional antes de estabelecer-se definitivamente em São Paulo, onde reside desde 1973. *Mil e um dias e outros enigmas* é a primeira mostra abrangente de seu trabalho, em Porto Alegre, e a segunda exposição de caráter retrospectivo que realiza no Brasil.

Há mais de quatro décadas, Regina realiza uma pesquisa sobre as formas como a realidade é representada, os dispositivos com que se representa, e as intenções que motivam a vontade de representar. Para ela, a perspectiva pode ser entendida como um olhar filosófico sobre o mundo das aparências, que serve para indagar sobre o reconhecimento das coisas que nos rodeiam. Em consequência, em lugar de aproveitar a capacidade que têm os sistemas de projeção de gerar uma representação “correta” da realidade, Silveira opta por tornar visíveis as contingências e inexatidões inerentes a essas ferramentas, brinca com os processos e altera os resultados. Silveira utiliza frequentemente a anamorfose, método de deformação geométrica que produz imagens enigmáticas e estranhas; em muitas ocasiões faz desaparecer o referente, rompendo a relação que existe entre um objeto e sua sombra e convidando o espectador a imaginar ou deduzir o objeto ausente a partir de seu rasto distorcido.

O trabalho de Regina Silveira baseia-se em demonstrar a impossibilidade de exatidão em toda tentativa de representar a realidade. Uma vez aceita essa condição, a representação segue um caminho próprio, liberada do imperativo de fidelidade e precisão. A pretensão de exatidão nos sistemas de projeção usados por desenhistas, artistas e arquitetos desde o Renascimento entra em crise ao constatar que há uma margem de erro implícita em toda projeção geométrica, chamada *aberrações marginais*. Em seus desenhos preparatórios, Regina mostra como a perspectiva é uma ferramenta suscetível de ser manipulada, e como o erro pode ser visto como uma condição positiva, rompendo assim muitas das verdades que assumimos como certas quando nos enfrentamos com a realidade e seu reflexo. Silveira quebra a relação direta que existe entre um objeto e sua sombra, relação indissolúvel no mundo real, mas fonte de liberdade criativa no mundo da representação.

A obra de Regina Silveira indaga sobre a realidade e a sua representação a partir da arte, por meio de paradoxos visuais que fisgam o espectador e propõem-lhe uma reflexão mais profunda sobre questões existenciais. Muitos dos seus trabalhos desestabilizam a percepção meramente ótica e incitam uma verdadeira experiência corporal. Através de jogos visuais, estratégias conceituais e reflexões poéticas sobre a tecnologia, Silveira conseguiu consolidar uma obra sedutora e enigmática, que nos faz inquirir sobre o mundo, sua essência e suas aparências.

José Roca

Curador

Regina Silveira

Nascida em 1939, na cidade de Porto Alegre (RS), a pintora, desenhista e gravadora Regina Silveira graduou-se em pintura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1959. Mais tarde, concluiu seu mestrado (1980) e doutorado (1984) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde leciona no Departamento de Artes Plásticas desde 1974, participando da formação de diversas gerações de artistas.

Uma das pioneiras da videoarte no Brasil, expressão artística que utiliza a tecnologia do vídeo em artes visuais, Regina Silveira é considerada uma artista multimídia por explorar as potencialidades dos recursos tecnológicos. Seu trabalho, fundamentado em reflexões sobre a natureza ilusionista de imagens e espaços, esteve presente em exposições no Brasil e no exterior, como a Bienal Internacional de São Paulo (1981, 1983 e 1998), a 2ª Bienal do Mercosul de Porto Alegre (2001), a Brazil Body and Soul, no Guggenheim Museum, de Nova York (2001), e a 6ª Bienal de Taipei, na China (2006).

Dois vertentes guiam as criações mais recentes de Regina Silveira. A primeira delas investiga novos recursos de produção de imagens por técnicas eletrônicas, iniciada com *Encuentro* (1991) e exemplificada no *Quebra-cabeça da América-Latina: Continua...*, exposto na NIU Art Gallery, em Chicago (1997). A segunda vertente deriva do crescente interesse da artista pelos cenários urbanos, arquitetura e suas possibilidades como suporte para a arte.

A luz também figura como um dos temas centrais do trabalho da artista. A relação com a arquitetura fez surgir obras nas quais Regina registrou padrões de luz e sombra provocados por fontes de iluminação existentes, como a vitrine em *Behind the glass*, na New York University (1991), ou por fontes inteiramente imaginárias, como na obra *A lição* (2002), em que a artista marca a presença ilusória da luz pela representação das sombras projetadas.

O portfolio da artista, repleto de experimentações, lhe rendeu importantes prêmios e reconhecimentos. Recentemente, Regina recebeu o Prêmio Sérgio Motta de Arte e Tecnologia (2000), o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, pela exposição *Claraluz* (2003), o Prêmio Bravo Prime de Artes Plásticas, por *Mundus admirabilis* (2007), o Prêmio de Artes para a Pintura/Vida e Obra, da Fundação Bunge (2009), e o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (2010).

Regina Silveira na Fundação Iberê Camargo

No início da década de 1960, Regina Silveira frequentou o Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, espaço voltado ao conhecimento e à produção nas artes visuais. Lá, a artista teve aulas de pintura com Iberê Camargo.

Na época, Iberê direcionava suas críticas ao ensino institucionalizado da arte, mostrando sua inquietação quanto ao cenário artístico que se formava no Rio Grande do Sul. Os anseios contestadores, as angústias existenciais e o rompimento com conceitos conservadores de arte levantados pelo pintor, fizeram eco na obra da artista. Porém, para além das questões estéticas, foi a seriedade com que Iberê encarava o fazer artístico o que talvez mais tenha marcado o trabalho de Regina Silveira:

Como já afirmei diversas vezes, o que mais admirei em Iberê foi sua paixão pelo que fazia e também o rigor, a disciplina de trabalho e o alto grau de exigência consigo mesmo. Nunca esqueci as inúmeras vezes em que vi Iberê retirar com uma espátula, manejada com muito ímpeto, toda a camada grossa de tinta de uma pintura praticamente pronta, e no meu entender formidável, e recomeçar tudo de novo, do zero, com ímpeto ainda maior, inteiramente absorvido, e tantas vezes quanto fosse preciso.¹

Iberê foi mestre de Regina Silveira na verdadeira acepção da palavra, uma vez que, paralelamente às questões técnicas, “ensinava atitude, concentração e alto grau de comprometimento com o trabalho”.² As 33 obras presentes em *Mil e um dias e outros enigmas* refletem, de certa maneira, o que Regina, artista contemporânea, tem de Iberê, artista moderno: o rigor técnico suavizado por uma poética “[...] que nos faz inquirir sobre o mundo, sua essência e suas aparências”.³

1 SILVEIRA, Regina. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?edicao_id=196&Artigo_ID=2995&IDCategoria=3189&reftype=2.

2 ROCA, José. **Regina Silveira** – mil e um dias e outros enigmas. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 9.

3 *Idem*, p. 15.

Material Didático

O material inclui:

10 pranchas informativas que trazem obras de *Regina Silveira – Mil e um dias e outros enigmas*. A seleção foi realizada pelo curador da exposição, José Roca, a fim de que o material contemplasse uma mostra significativa da retrospectiva da artista. Em cada prancha, há informações sobre a obra em questão, assim como o item “Para pensar”, no qual são sugeridos alguns tópicos para discussão em sala de aula, tendo como base a poética de Regina Silveira.

Caderno de textos acompanhado de atividades, que tratam de aspectos tanto formais, como poéticos da obra de Regina Silveira, visando à experimentação artística por parte dos alunos.

Acessório para ser trabalhado com o auxílio de uma lanterna, cujo objetivo é explorar um dentre os tantos recursos utilizados pela artista: o uso de fontes de luz na geração e manipulação de imagens.

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

Atividades

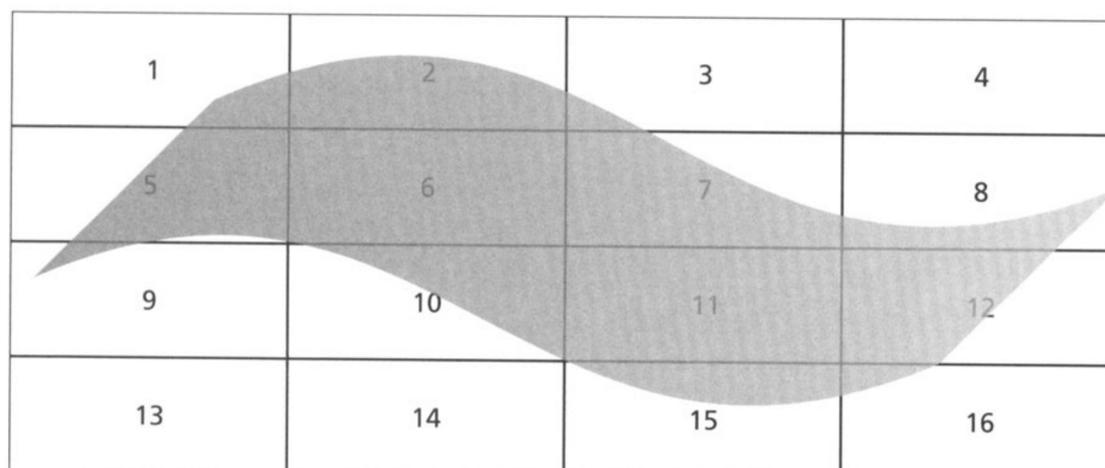
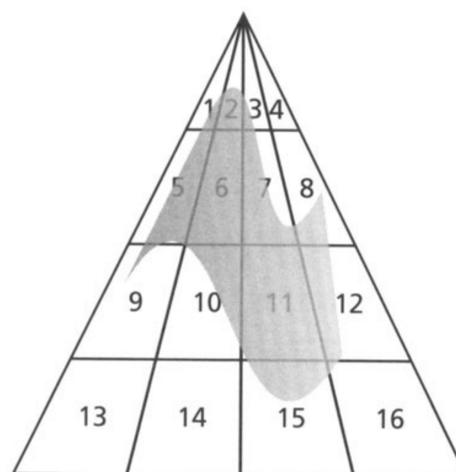
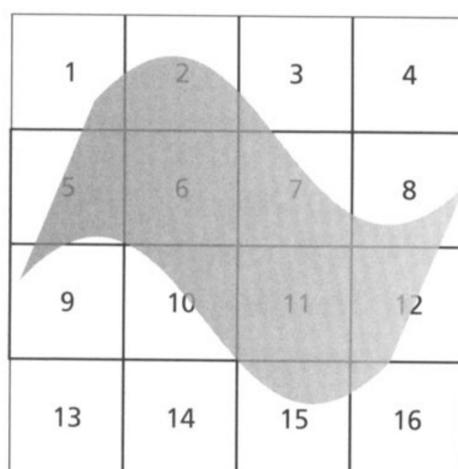
Sugerimos, aqui, algumas atividades a partir da exposição *Regina Silveira – Mil e um dias e outros enigmas*. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

Atividade 1

Talvez uma das características mais marcantes de Regina Silveira seja o uso de **anamorfoses**. À primeira vista, o termo parece remeter à distorção da forma; porém, a própria etimologia da palavra indica uma figura formada de novo ou, ainda, um deslocamento do ponto de vista. Para compreender como a artista explora as anamorfoses, distribua aos alunos revistas e folhas quadriculadas, e comente com eles como a **quadricula** sempre foi uma ferramenta básica do desenho em **perspectiva**. Peça, então, que recortem a imagem de uma pessoa e a coleem sobre a folha quadriculada. Depois, como forma de entender melhor as **noções de escala**, os alunos deverão desenhar e/ou colar recortes de objetos, considerando o tamanho da pessoa e respeitando a proporção entre eles.



Numa segunda etapa, explique como a deformação na própria quadricula dá lugar à correspondente deformação da figura. Apresente o exemplo abaixo e estimule-os a produzir folhas quadriculadas. Em seguida, eles devem escolher uma imagem para a produção de diferentes distorções.



Atividade 2

A importância da **sombra** na arte é inerente à própria história da pintura. Regina Silveira, por sua vez, sempre transitou pelo binômio **luz/sombra** de forma criativa. A fim de explorarmos um pouco mais esse território, tão simples e ao mesmo tempo tão rico, sugere-se uma atividade na área externa da escola em um dia de sol. Ainda em sala de aula, proponha aos alunos uma “explosão de ideias” a respeito de “sombra”. Que palavras, situações e imagens remetem à “sombra”? Após discutir com a turma, dirija-se ao pátio e peça aos alunos que desenhem no chão a sombra dos colegas (utilizar giz para quadro negro). Nesse momento, você pode trazer algumas questões levantadas durante a “explosão de ideias”, questionando os alunos se eles gostariam de acrescentar algo depois de terem observado as próprias sombras.

Num segundo momento, já em sala de aula, proponha um trabalho em grupo a partir da sombra de objetos. Com a sala escura e utilizando lanternas, peça aos alunos que projetem a sombra do objeto sobre um papel preto. Ao encontrar uma forma interessante, o grupo deverá desenhá-la e recortá-la. Reúna as diferentes “sombras” e apresente-as à turma. Observe como algumas sombras não trazem referência alguma do seu objeto, remetendo, por vezes, a outros objetos. Essa atividade pode ser ilustrada com a obra *Masterpieces (In Absentia: Man Ray)*.

Atividade 3

Divida a turma em grupos e utilize como referência para a atividade a série *Enigmas*. Em duas sacolas pretas, coloque diferentes objetos e peça que um representante de cada grupo retire um item de cada sacola. Um dos objetos deverá ser insinuado unicamente pela sombra, esta reproduzida em papel preto – aqui, sugere-se o uso de lanterna e de uma câmara para isolar a luz ambiente. O outro, conseqüentemente, completará o enigma, este formado pela sombra do objeto 1 + objeto 2. Quando a **colisão de signos** estiver pronta, discutir com os alunos a existência ou não de conteúdo simbólico em cada **enigma**, podendo os próprios grupos criar significados para ele.

Atividade 4

Ao tomar como exemplo a obra *Paradoxo do santo*, discuta com os alunos sobre possíveis diálogos entre **arte e política**, **arte e história**. Você pode trazer exemplos de obras de diferentes épocas, como *Guernica*, de Picasso, e *Inserções em circuitos ideológicos*, de Cildo Meireles.⁴ Em seguida, peça aos alunos que pensem em um fato que os tenha causado indignação ou em uma situação atual da qual discordem. Em grupos, eles deverão escolher aquilo que lhes pareceu mais significativo e buscar explorar o tema através de uma criação artística.

Outra atividade que pode trazer resultados interessantes é escolher um tema atual que suscite diferentes opiniões e dividir a turma de acordo com os pontos de vista. Cada grupo defenderá, então, sua posição por meio de um trabalho artístico, que pode ser desde um grande mural a uma intervenção no espaço escolar.

Atividade com o acessório

A temática **luz/ sombra** aparece sob diversas formas no trabalho de Regina Silveira. Na exposição *Mil e um dias e outros enigmas*, por exemplo, a artista inscreve a palavra luz na fachada da Fundação Iberê Camargo. Em uma espécie de tautologia (luz escrita com luz), a obra foi concebida digitalmente como se fosse a projeção de luz com um gobo.⁵

Para experimentar esse procedimento, primeiramente apague as luzes da sala de aula, deixando-a o mais escura possível. Com o auxílio de uma lanterna potente, projete a palavra “Luz”, utilizando o acessório onde a palavra encontra-se vazada, nas paredes e cantos da sala. Conforme aproximamos ou distanciamos a lanterna da palavra, a imagem projetada ficará maior ou menor. Aproveite e use também a palavra escrita em serigrafia preta, criando projeções em negativo, como vemos em séries como *Enigmas* e *Masterpieces*.

Sugestão 1: Estimule os alunos a criar acessórios semelhantes aos disponibilizados, utilizando outras palavras ou formas.

Sugestão 2: Explore a produção de outras tautologias com os alunos, como “terra escrita com terra”, “tinta escrita com tinta”, a partir de materiais disponíveis na própria escola.

4 Mais informações em: <http://passantes.redezero.org/reportagens/cildo/inserc.htm>.

5 Placa metálica com a forma a ser projetada recortada para deixar passar a luz.

Referências

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**. Uma história concisa. São Paulo: Martins, Fontes, 2001.
- BASBAUM, Ricardo (org.). **Arte Contemporânea Brasileira**: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**. Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LOPES, Fernanda. Mundo de Luzes e Sombras. **Das artes**: artes visuais em revista. Rio de Janeiro: O Selo, abril/maio de 2010.
- ROCA, José. **Regina Silveira** – mil e um dias e outros enigmas. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011.
- RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SILVEIRA, Regina. **Linha de sombra**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2009.
- WOOD, Paul. **Arte Conceitual**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Sites

- reginasilveira.uol.com.br
www.artenaescola.org.br
www.iberecamargo.org.br
www.itaucultural.org.br
www.museuparatodos.com.br

Material Didático exposição Regina Silveira – Mil e um dias e outros enigmas: Concepção e textos Laura Habckost Dalla Zen | **Colaboração** Cristina Yuko Arikawa | **Projeto Gráfico e Diagramação** Marília Ryff-Moreira Vianna, Kelly Cristina Bidone Pinto e Rosana de Castilhos Peixoto | **Revisão** Rosalina Gouveia | **Impressão** Gráfica Trindade | **Tiragem** 700 unidades | **Agradecimentos** Regina Silveira, José Roca, Adriana Boff, Laura Cogo, Carina Dias e equipe de mediadores.



Fundação Iberê Camargo

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Bolivar Charneski
Carlos Augusto da Silva Zilio
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Luiz Fernando Cirne Lima
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Sergio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente de Honra

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Vice-Presidente

Justo Werlang

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Gabriel Pérez-Barreiro
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Cristiano Jacó Renner
Gilberto Bagaiolo Contador

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Equipe Cultural

Adriana Boff (Coord.)
Caio Yurgel
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe de Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert (Coord.)
Alexandre Demetrio
Elisa Malcon
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Laura Habckost Dalla Zen (Coord.)
Cristina Arikawa

Mediadores

Caroline Weiberg
Cristina Morassutti
Diego Lock Farina
Eduardo Engers
Iara Collet
Julia Stephanou Nascimento
Juliana Maffei
Juliana Mülling
Livia dos Santos
Lucas Lima Fontana
Natália Figueró
Romualdo Correa
Taila Idzi
Victor Geuer

Equipe Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky (Coord.)

Superintendente

Administrativo/Financeiro

Rudi Araujo Kother

Equipe Administrativa/Financeira

José Luis Lima (Coord.)
Ana Paula do Amaral
Barbara Nicolaieswsky
Carolina Miranda Dorneles
Igor Monteiro Bulow
Joice de Souza
Maria Lunardi
Roberto Ritter

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna (Coord.)
Lucianna Silveira Milani

Website

Camila Gonzatto
Luisa Fedrizzi
Bruno Mattos

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Rech

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000

Agendamento tel [55 51] 3247-8001
educativo@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo, entre em contato: pelo fone (51) 3247.8000 ou pelo e-mail institucional@iberecamargo.org.br

Exposição

Regina Silveira
Mil e um dias e outros enigmas

Curadoria

José Roca

Artista

Regina Silveira

Identidade Visual

Marília Ryff-Moreira Vianna

Patrocínio



Apoio



Auditoria



Financiamento





Regina Silveira

Atractor, 2011
instalação com vinil espelhado sobre fachada
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



*A escala foi crescendo. O atrevimento também.
Me interessa essa mudança de escala: sair do papel e ir
para o mundo. Sair do museu e ir para a cidade.¹*

Luz e sombra pertencem a um mesmo campo semântico. Ou seja, quando nos referimos a uma, logo lembramos da outra. Luz e sombra também fazem parte do campo semântico da arte e, mais especificamente, do trabalho de Regina Silveira. Marcadamente inseridos nas obras barrocas e renascentistas (artistas como Leonardo da Vinci e Caravaggio foram mestres na manipulação desses elementos), os estudos de luz e sombra sempre estiveram presentes na história da arte. O fascínio exercido pela pintura de Caravaggio é frequentemente atribuído à maestria com a qual o artista explorou a ação dramática por meio da luz.

No entanto, ainda que esses elementos continuem sendo objeto de investigação artística, a maneira como são explorados pelos artistas contemporâneos difere, na maioria das vezes, daquela vista em trabalhos de pintura. Concentrando-se na luz e na sombra como problemas plásticos em si, Regina Silveira tem trabalhado, há mais de trinta anos, com este tema. Durante muito tempo, a obra da artista caracterizou-se pelas sombras projetadas, embora a luz sempre tenha estado “[. . .] envolvida nessas projeções de sombra, pela simples relação de causalidade entre as duas.”²

Concebida especialmente para a exposição, *Atractor* faz parte de um conjunto de obras que tem a luz como significado central. Em 2000, por exemplo, a artista escreveu em fibra ótica a palavra “luz” nos vidros da janela do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP). Quando a luz externa diminuía, a “luz” – controlada por uma célula fotoelétrica – acendia, evitando, metaforicamente, que o museu ficasse às escuras. Obras que dialogam com a arquitetura, especialmente os *site specific*³ – caso de *Atractor* – são uma marca do trabalho de Regina Silveira, cuja poética e, neste caso, a poética da luz, tem sido vista em escalas cada vez maiores.

Para pensar

“[...] a escultura está sujeita a uma certa iluminação, a saber, de cima, e a pintura leva com ela, por todos os lugares, a sua luz e a sua sombra”.⁴ Essa frase de Leonardo da Vinci sugere uma rígida separação entre as artes. Você enquadraria *Atractor* em alguma categoria artística (desenho, pintura, escultura...)? Por quê?

A relação entre arte e arquitetura não é privilégio da arte contemporânea. A pintura inscrita em palácios e igrejas, assim como as esculturas presentes nos templos gregos, são alguns exemplos de um diálogo que não é de hoje. Quando Regina Silveira opta por “sair do museu e ir para a cidade”⁵, que tipo de relação se estabelece entre público e obra de arte? Há diferença entre uma obra que está no museu daquela exposta em espaço público?

¹ SILVEIRA, Regina. In: LOPES, Fernanda. Mundo de Luzes e Sombras. **Das artes**: artes visuais em revista. Rio de Janeiro: O Selo, abril/maio de 2010.

² SILVEIRA, Regina. **Linha de sombra**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2009, p. 82.

³ A expressão *site specific* (“lugar específico”) faz referência a obras criadas para um espaço determinado, onde o trabalho artístico dialoga com o meio circundante, seja este uma galeria, o ambiente natural ou áreas urbanas.

⁴ DA VINCI, Leonardo. **Traité de la peinture**. Paris: Berger-Levrault, 1987, p. 101.

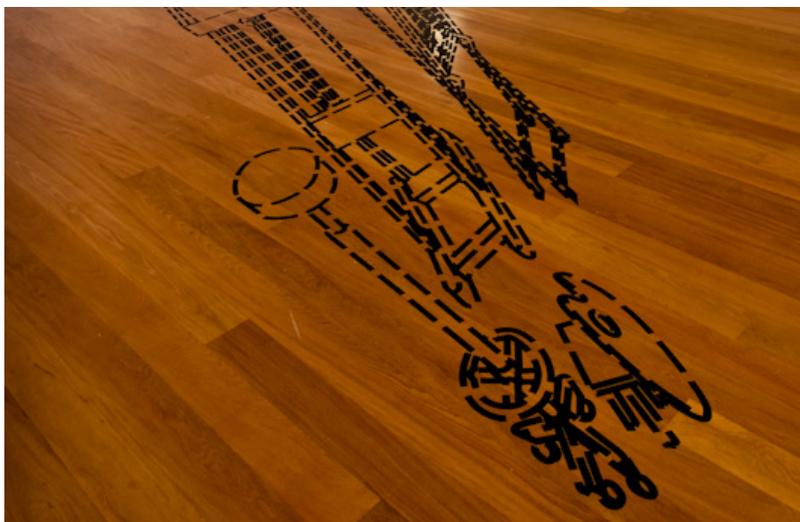
⁵ *Idem* nota 1.





Regina Silveira

Da série *Desaparência*, 1999 (2011)
plotter de recorte sobre vinil adesivo
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



Quis criar uma imagem-resumo, que sintetizasse algumas reflexões recorrentes sobre a representação e o papel da pintura.¹



Johannes Vermeer
A arte de pintar, 1666-1667

A produção contemporânea tem estimulado uma revitalização nas categorias tradicionais da arte, uma vez que hoje é impossível pensá-la somente a partir de designações como “pintura” ou “escultura”. Nesse contexto, a trajetória artística de Regina Silveira é um bom exemplo para pensarmos maneiras pelas quais tal revitalização ocorre. Ao utilizar adesivos em vinil para produzir, em linhas interrompidas, um ateliê de pintura em perspectivas radicais e distorcidas, a artista questiona a ideia de representação vinculada a uma perspectiva linear. Introduzido pela arte renascentista, esse sistema de representação busca tornar a pintura o mais “real” possível, ou seja, o mais próxima da visão humana. Utilizando as linhas interrompidas, como imagens escondidas ou em desaparecimento, Regina ironiza não só a pintura, mas, também, o suposto lugar de trabalho do artista – um estúdio com cavaletes, móveis e instrumentos para estudos tradicionais de pintura.

Desaparência é, também, segundo a própria artista, uma peça autobiográfica. Aluna de artistas como Ado Malagoli e Iberê Camargo, Regina inicia sua carreira em Porto Alegre como pintora, muito provavelmente em um estúdio como o representado na obra. Ao deixar a cidade, há uma virada conceitual em seu trabalho, o que faz com que o banquinho e o cavalete “desapareçam”, metaforicamente, de seu fazer artístico.

Propor outras formas de representação, assim como subverter o olhar do espectador, instabilizando sua percepção, são atitudes contemporâneas. Rever, problematizar tanto a arte como a si próprio, indica que cada momento possui uma determinada visão de mundo e, portanto, uma maneira singular de usar a perspectiva.

Para pensar

Na sua opinião, qual é o lugar ideal para um artista desenvolver o seu trabalho? Por quê? E para expor? Justifique sua resposta.

Regina Silveira propõe um estúdio em linhas interrompidas como forma de lembrar o seu passado como pintora. Ao tomar como exemplo uma mudança significativa na sua vida, como você trabalharia artisticamente tal situação? Aqui, você é livre para escolher técnica, material e dimensões da obra, assim como o espaço onde a colocaria.

¹ SILVEIRA, Regina. Tradução livre. Disponível em: <http://reginasilveira.uol.com.br/desaparencias.php>.





Regina Silveira

Série *Enigmas*, 1981
fotogramas
42 x 46 x cm c/u
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re

As sombras nas fotos de Regina não estão apenas ali onde são vistas, não são aqueles traços de garfo, pente, martelo e serra. A sombra é tudo, a sombra é o conjunto, a sombra é princípio e a mola do jogo.¹



Não é por acaso que Regina Silveira chama de *Enigmas* a série na qual propõe aproximações entre signos desconexos, como bolsa + sombra de serra ou panela + sombra de pente. No dicionário, a palavra *enigma* consta como dito ou fato de difícil interpretação; aquilo que dificilmente se compreende. Mas, em momento algum, é designada como algo incompreensível. Haveria, então, o que desvendar quando da junção entre uma bolsa e a sombra de uma serra?

Qualquer esforço em dar significado a esses jogos de aproximações tende a ser uma tentativa frustrada. Quando Regina opta por projetar a sombra aleatória de uma serra sobre uma bolsa, não o faz com a intenção de tornar a bolsa – objeto concreto – mais evidente e natural (vale lembrar que, tradicionalmente, na história da arte, a sombra desempenhava ditas funções). A silhueta da serra cria, justamente, o enigma visual. A artista tampouco, como sugere o crítico Teixeira Coelho², faz referência a idiomas cujas palavras são formadas pela justaposição entre signos independentes: faca + um coração = tristeza; boca + um pássaro = cantar. No trabalho de Regina, a preocupação é de estimular e aguçar a percepção, o que vincula a artista, de alguma maneira, ao movimento surrealista, para o qual o belo estaria “no encontro fortuito de uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação”³.

Para pensar

Como maneira de aguçar a percepção, escolha um dos quatro jogos de aproximação de Regina Silveira e crie a sua “resposta” em relação ao enigma visual. O interessante, aqui, é comparar as diferentes percepções que a obra da artista pode suscitar.

Você consegue enxergar beleza no “encontro fortuito de uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação”? Que sentido tem o belo para você? E o belo na arte?

¹ COELHO, Teixeira. In: SILVEIRA, Regina. **Linha de Sombra**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2009, p. 58.

² *Idem*.

³ LAUTRÉAMONT, Comte de. *Os cantos de Maldoror*. **Obra completa**: os cantos de Maldoror. São Paulo: Iluminuras, 1997.





Regina Silveira

Lunar, 2002/2003
vídeo digital, projeção
em colaboração com Ronaldo Kiel e Olhar Periférico
trilha sonora de Rogério Rochlitz
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



*Como em um balé de duas esferas-luas a se desdobrarem no espaço cósmico.*¹

Entre as noções mais básicas da perspectiva, está a ideia de que quanto mais próximo um objeto está do seu observador, maior ele vai parecer. Da mesma maneira, pela lógica, quanto mais afastado estiver o objeto, menor será o seu tamanho. Mas a arte de Regina Silveira não se guia exatamente por noções lógicas. Em *Lunar*, a artista propõe outro modo de enxergar esse conceito ao brincar com nossas percepções.

Regina apresenta a animação de duas esferas visuais que crescem e encolhem; cada uma de acordo com sua coreografia própria. Essa "dança", desconexa e aleatória, combinada com o uso estratégico de luz e sombra, cria um ambiente de perplexidade, em que "os referentes visuais com os quais o espectador se situa em frente à imagem são postos em dúvida, resultando em uma experiência corporal desestabilizadora".²

A sensação de estranheza no espectador é estimulada pela proposta multimídia da artista, que harmoniza arte e tecnologia em uma poética provocadora e inesperada. A incorporação de elementos multimídia ao fazer artístico acaba, também, por proporcionar o surgimento de criações interdisciplinares – em *Lunar*, Regina Silveira contou com a colaboração do grupo Olhar Periférico na animação e sonorização do vídeo.

Para pensar

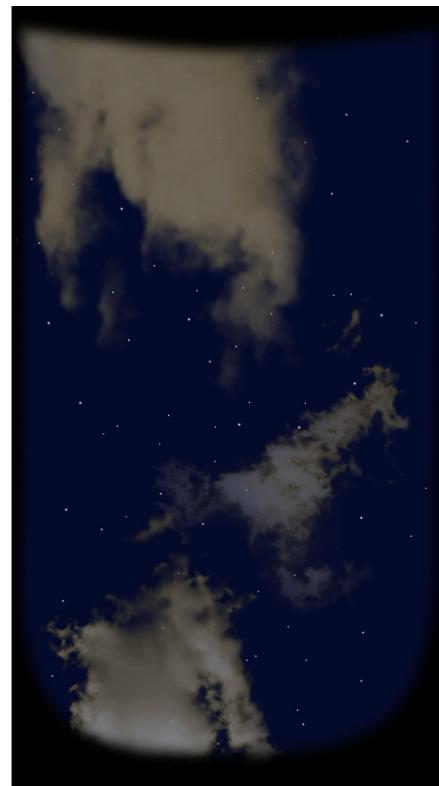
A instalação *Lunar* joga com a nossa percepção, e notamos isso quando do contato com a obra. No entanto, não nos damos conta de que a própria natureza nos propõe, a todo o momento, esse tipo de jogo. Você saberia explicar, por exemplo, por que enxergamos as estrelas piscando e os planetas de forma estática quando observamos o céu à noite?

Aqui, sugere-se um trabalho conjunto com professores de ciências ou física, dependendo da faixa etária dos alunos. Pode-se pensar em outros jogos de percepção a partir de fenômenos naturais.

¹ DOCTORS, Marcio. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=9707>.

² ROCA, José. **Regina Silveira** – mil e um dias e outros enigmas. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 12.





Regina Silveira

Mil e um dias, 2007 (2011)
vídeo digital, projeção
produção: André Costa (Olhar Periférico Filmes), edição e
videografia: Matias Lancetti
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



A exemplo de obras como *Atractor*, a animação digital *Mil e um dias* foi reconfigurada especialmente para interagir com a arquitetura de Álvaro Siza. Em mais um *site specific*², Regina Silveira apresenta uma projeção na qual imagens do dia e da noite se alternam em uma construção de caráter filosófico. Em outras versões da obra – apresentada pela primeira vez em 2007 –, a instalação vinha acompanhada de uma trilha sonora ora resgatada, ora criada, que fazia ouvir, por exemplo, um vozerio de crianças na parte do dia e ruídos de bichos e insetos noturnos na parte da noite. Um som de vento forte, porém, estava sempre presente, unindo os dias e as noites em uma narrativa ficcional que contrapunha a agitação diurna à serenidade noturna.

No caso da obra realizada para a Fundação Iberê Camargo, a passagem do tempo é indicada apenas pelo silêncio das imagens. Porém, a poesia gerada pelas alternâncias visuais faz com que o próprio espectador imagine sua trilha sonora. Numa dimensão quase cinematográfica, *Mil e um dias* provoca uma hipnose visual, oferecendo “um efeito de mundo anterior a toda interpretação intelectual que se lhe possa agregar”³.

*Mil e um dias [...] responde à intenção de propor uma narrativa totalmente ficcional, em que o teto e a parede do prédio se abrem virtualmente para um espaço aberto – no céu ou no cosmos – e deixam penetrar o tempo – o tempo que passa, o tempo da memória.*¹

Para pensar

Em outras versões de *Mil e um dias*, Regina Silveira evoca, além das imagens, sons representativos do dia e da noite. Se você tivesse que propor uma trilha sonora para a obra, qual seria? Que sons, na sua opinião, representam mais o dia e quais são mais característicos da noite?

Tanto a imagem, como o som, atuam como articuladores da nossa memória. Ou seja, eles nos auxiliam a lembrar de situações passadas, constituindo-se em um importante arquivo de lembranças. Pense em um período significativo da sua vida e escolha uma imagem e uma trilha sonora que melhor o represente, apresentando-as aos colegas.

¹ ROCA, José. **Regina Silveira** – mil e um dias e outros enigmas. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 15.

² A expressão *site specific* (“lugar específico”) faz referência a obras criadas para um espaço determinado, onde o trabalho artístico dialoga com o meio circundante, seja este uma galeria, o ambiente natural ou áreas urbanas.

³ COELHO, Teixeira. Disponível em:
<http://reginasilveira.uol.com.br/ficcoes.php>.





Regina Silveira

Rerum naturae, 2007/2008
porcelana sobrevidrada, linho bordado sobre mesa
70 x 220 x 120 cm
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio del Re

Mundus admirabilis, 2007
plotter de recorte sobre vinil adesivo
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



Uma conhecida narrativa sobre as dez pragas que assolaram o Antigo Egito é reatualizada por Regina Silveira em obras como *Rerum naturae* e *Mundus admirabilis*. Segundo a tradição judaico-cristã, as pragas foram lançadas por Deus como forma de contrapor o politeísmo egípcio, e com isso, provar a unicidade divina. Moscas enormes e gafanhotos predadores são exemplos dessas pragas. Influenciados ou não por essas narrativas, ainda hoje chamamos de pragas os insetos que atacam plantas e animais, assim como os vegetais sem função conhecida, ou prejudiciais ao seu entorno.

A escolha por reproduzir insetos classificados como daninhos faz do trabalho de Regina Silveira uma metáfora “[...] das pragas muito mais furiosas que hoje em dia nos assolam, em nível mundial e global, em diversas frentes: sociais, ambientais, culturais e ‘civilizadoras’, ameaçando um futuro que parece a cada dia mais inviável”². Nas instalações complementares *Rerum naturae* e *Mundus admirabilis* – compostas por centenas de insetos retirados de publicações de História Natural –, encontramos uma artista cuja preocupação política passa pelo filtro da ironia.

Iberê Camargo, que fora professor de Regina, também retratou algumas das pragas “civilizadoras”, assim como escreveu sobre elas: “As contínuas reformas na nossa cidade – a cidade é a nossa casa – nos transformam em forasteiros. O progresso é uma ação de despejo em execução”.³

*Para os que têm medo e nojo deles a situação é de pavor. Para alguns eles são pragas bíblicas, para outros, apenas animais interessantes. Para Regina Silveira eles são admirabilis.*¹

Para pensar

Regina Silveira, por meio da metáfora dos insetos daninhos, faz referência a pragas ambientais, sociais, culturais e civilizadoras. Na sua opinião, quais as principais pragas da nossa sociedade? Você pode pensar também em contextos específicos, como o país, a cidade e o bairro onde vive.

Muitos artistas se valem de uma linguagem poética para criticar questões com as quais não estão de acordo. Regina Silveira evoca as pragas de uma maneira global. Iberê Camargo aborda a questão da urbanização desenfreada em alguns de seus quadros. E você? Como representaria, poeticamente, aquela que, na sua opinião, é a pior das pragas?

¹ MACHADO, Ângelo. Disponível em: <http://reginasilveira.uol.com.br/mundusadmirabilis.php>. (Textos Críticos).

² SILVEIRA, Regina. Disponível em: <http://reginasilveira.uol.com.br/mundusadmirabilis.php>.

³ CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos guardados**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 137.





Regina Silveira

Paradoxo do santo, 1994 (2000)
plotter de recorte sobre vinil adesivo,
madeira e escultura de madeira
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



Em *Paradoxo do santo*, Regina Silveira problematiza as relações seculares entre religião e poder militar no continente latino-americano. A artista propõe um paradoxo visual e conceitual ao justapor um santo popular e um general. O pequeno santo de madeira é Santiago Mata-Mouros – patrono militar da América Espanhola na época do descobrimento. Já a silhueta é a de um monumento ao general Duque de Caxias – patrono militar brasileiro e comandante geral dos exércitos da Tríplice Aliança (entre 1864 e 1870, a Aliança formada entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai resultou em uma batalha sangrenta que praticamente destruiu esse país). Ao projetar uma sombra, a do general, diferente do objeto que a origina, o santo, Regina conecta signos que, embora visualmente diferentes, têm agora uma relação conceitual. A obra os une em função de suas atuações historicamente discutíveis vinculadas às lutas pela dominação da América Latina.

Paradoxo do santo tem um forte apelo conceitual, pois, ainda que a poética visual de Regina Silveira esteja fortemente marcada (podemos citar, aqui, o uso da sombra, o paradoxo visual, a colisão de signos, etc.), a ideia a partir da qual o trabalho é elaborado antecede e determina sua materialização.

O paradoxo da sombra que é diferente daquilo que a origina e que por sua vez conecta figuras de dois chefes militares de atuações historicamente discutíveis me possibilitou unir tempos e geografias diferentes e comentar as relações seculares de poder que o militarismo e a religião têm mantido neste continente.¹

Para pensar

Como vimos, *Paradoxo do santo* questiona a atuação da igreja e do militarismo nas lutas de dominação da América Latina. Na sua opinião, é função da arte provocar esse tipo de reflexão? Ou a “essência” da arte estaria associada a questões puramente estéticas?

Além dos aspectos artísticos, a que áreas do conhecimento a obra faz referência?

¹ SILVEIRA, Regina. *Linha de Sombra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2009, p. 92.





Regina Silveira

Quimera, 2003
plotter de recorte sobre vinil adesivo,
transparência em objeto em madeira
dimensões variáveis na parede e no piso
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



No mundo real, a sombra se produz pela ausência de luz; o mundo de Silveira se rege por outras regras.¹

Na mitologia, Quimera é a criatura híbrida com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão, fruto da união entre Equidna e Tifon. É a imagem de um animal desconexo, uma composição absurda, longe daquilo que estamos habituados a classificar como “normal”. A *Quimera* (2003) de Regina Silveira pode ser caracterizada de forma semelhante: contraditória, a obra apresenta uma forma fantasmagórica encabeçada por uma lâmpada (na verdade, a imagem de uma lâmpada), que emite sombra ao invés de claridade, jogando com a ideia racional de representação. Afinal, para os “normais”, o que se pode esperar de uma lâmpada senão a projeção de uma luz?

Mais uma vez protagonista do trabalho de Regina Silveira, a temática luz/sombra ganha outras significações. A artista desvia das armadilhas do senso comum, questionando a própria física: “e se acendêssemos uma sombra?”. Ao brincar com a noção de iluminação, Regina dá à luz sua própria criatura híbrida, cuja corporeidade invade o espaço expositivo.

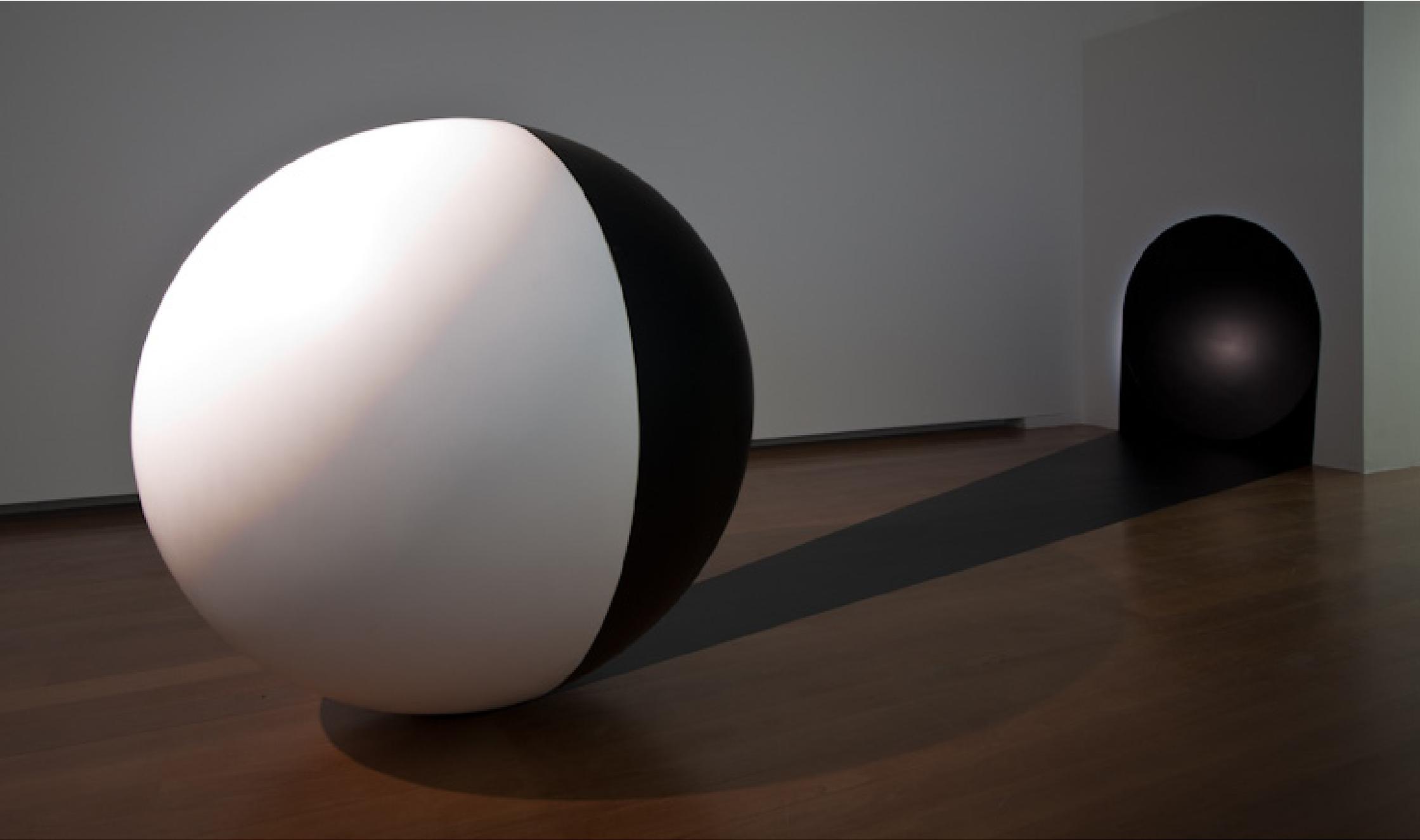
Para pensar

A palavra quimera é descrita nos dicionários como uma imagem vã, fantástica ou sem realidade possível. A exemplo do que fez Regina ao “acender uma sombra”, que outras quimeras desse tipo poderíamos gerar?

Se entendemos quimera como qualquer coisa que não conseguimos explicar ou que foge às nossas expectativas, qual seria, para você, a(s) principal(is) quimera(s) da sociedade em que vivemos?

¹ ROCA, José. *Regina Silveira – mil e um dias e outros enigmas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 12.





Regina Silveira

Umbra, 2008
fibra, vidro e vinil adesivo
dimensões variáveis
Coleção da artista, São Paulo
Foto: Fabio Del Re



Seja por meio de projeções, reflexos ou distorções, seja pelo uso de objetos reais e imaginários, Regina Silveira desafia, constantemente, o olhar lógico do espectador ao criar ilusões a partir da temática luz/sombra. Em *Umbra* (2008) não é diferente.

À primeira vista, uma esfera posicionada no espaço expositivo tem sua sombra projetada na parede. O espectador, “baseado em sua experiência do mundo físico, reconhece o objeto como forma tridimensional e a sombra como projeção em duas dimensões”². No entanto, a desestabilização ocorre quando se percebe que a suposta sombra é, na verdade, um buraco côncavo – como se a esfera houvesse sido destacada da parede, abrindo um buraco negro em seu lugar.

Regina cria uma situação peculiar, na qual a suposta sombra é substituída por uma representação inventiva que distorce a ideia racional de representação. *Umbra* é mais um exemplo de como a artista explora a cultura visual em seu sentido mais profundo, trabalhando, de maneira singular, a noção de “impossibilidade” – característica marcante de seu trabalho.

¹ ROCA, José. **Regina Silveira** – mil e um dias e outros enigmas. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 13.

² *Idem*.

*Silveira quebra a relação direta que há entre um objeto e sua sombra, relação indissolúvel no mundo real, mas fonte de liberdade criativa no mundo da representação.*¹

Para pensar

A sombra é sempre uma imagem semelhante ao objeto a que pertence? Justifique sua resposta.

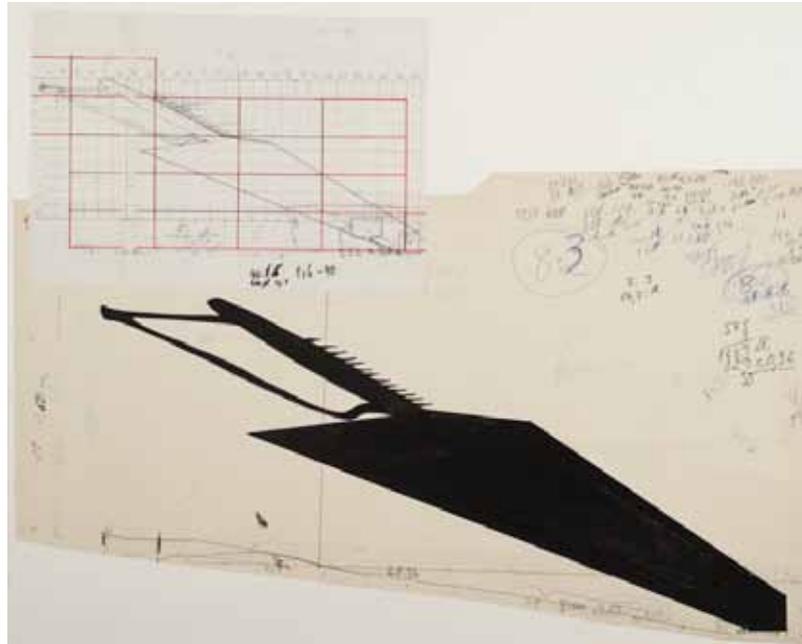
Para o poeta mexicano Octavio Paz, perder nosso nome seria como perder nossa sombra. Que relações podemos estabelecer a partir da afirmação do poeta? Qual seria a função análoga desempenhada por “nome” e “sombra”?





Regina Silveira

Masterpieces (In Absentia: Man Ray), 1998
poliestireno e madeira
203 x 560 x 51 cm
Coleção Museu de Arte Moderna de São Paulo
Foto: Fabio Del Re



A ausência tem sido associada, histórica e filosoficamente, à imagem da sombra.¹



Man Ray
Cadeau, 1921

O trabalho de Regina Silveira está cheio de referências à história da arte, algumas mais diretas, outras nem tanto. No caso de *In absentia: Man Ray*, vemos a sombra da obra *Cadeau*, de autoria do referido artista. Trata-se de uma sombra fictícia que parte da base de uma escultura absolutamente vazia, desafiando a percepção conforme os pontos e a distância do olhar. No entanto, ainda que tenhamos duas ausências, a do objeto e a evocada pela própria sombra (Regina lembra que, histórica e filosoficamente, a ausência tem sido associada à imagem da sombra), a obra de Man Ray está ali. Ou seja, sua presença é marcada pela sua ausência, evidenciando uma das principais características do trabalho da artista – a ambiguidade da perspectiva.

Mas voltemos às referências de Regina Silveira em relação à história da arte, uma vez que, além de Man Ray, trabalhos de artistas como Alexander Calder e Marcel Duchamp também foram “objetos de projeção” em *Masterpieces*. A série reflete, de alguma maneira, o jogo de apropriações que tomou conta da arte no século XX, quando a ideia de autoria começa a ser problematizada. No caso de Regina, poderíamos pensar ainda em uma “apropriação da apropriação”, ao levarmos em conta que ela evoca artistas que também trabalharam com uma arte metalinguística.

Para pensar

Na sua opinião, o fato de um artista apropriar-se do trabalho de outro artista como Regina faz com Man Ray, por exemplo, interfere na autoria da obra? Por quê?

Se você tivesse de escolher uma obra da exposição para propor uma releitura, qual delas seria? Por quê?

Aqui, para facilitar, sugere-se eleger uma das dez obras que compõem o material didático.

¹ SILVEIRA, Regina. *Linha de Sombra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2009, p. 36.

